

COLÉGIOS E UNIVERSIDADES

Pequena Monografia Sôbre o Rio Grande do Sul

COLÉGIO SEVIGNE

ANA MARIA PINHO
IRMÃ ANTÔNIA
IRMÃ JACINTA
IRMÃ OLÍMPIA

MARIA HELENA ABRAHÃO
RACHEL LACOURT
TERESINHA MEIRELES

INDICE

- I — História do Rio Grande do Sul
- II — Colonização do Rio Grande do Sul
- III — Limites
- IV — Organização Política - Administrativa
- V — Características Geográficas
- VI — Formação geológica
- VII — Economia
- VIII — A Capital: Aspectos históricos e Geográficos
- IX — Generalidades étnicas: o gaúcho

HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL

(Pesquisa junto ao Departamento Estadual de Estatística IBGE).

O território que hoje é ocupado pelo Rio Grande do Sul era, na época em que começou a ser povoado, habitado por diversas tribus indígenas, que viviam na mais completa selvageria. Compreendiam estas tribus, segundo historiadores, uma grei de cerca de trezentas mil almas, pertencentes aos ramos Tupís, Tapúias e Guaranís, Tapes, Carijós, Caáguas, Guaianás, Arachnes, Jarós, Guenoás, Charruas e Minuanos. Estas duas últimas nações eram as mais importantes e as que mais influíram na formação gaúcha.

O vasto território riograndense, então isolado do norte da Colônia mais civilizado, por léguas e léguas de desertos e florestas impraticáveis, e preterido, em seu quinhão, pelas visitas colonizadoras devido as suas costas hostís e de-

sabrigadas, foi, até meados do século XVIII, terra abandonada pela Corôa que, nestas latitudes, estava apenas interessada na posse da Colônia do Sacramento, onde se degladiavam os dois poderes rivais: Espanha e Portugal.

Entretanto, se a zona litorânea permanecia no estado das naturezas virgem, o mesmo não acontecia no interior.

Em 1619, o Pe. jesuita Roque Gonzales, partindo de Assunção, veio tentar a civilização dos gentios que habitavam entre o estuário do Prata e as cabeceiras do Uruguai e fundou, nesse mesmo ano, o povoado de N. Sra. da Conceição, em Ibitacua. Em 1626 o referido padre fundou São Nicolau, São Francisco Xavier e Nossa Senhora da Candelária, núcleos que, graças ao seu zelo apostólico, logo se tornaram prósperos e civilizados. Em 1628, deu início a outros núcleos, alguns dos quais seriam, hoje, prósperas cidades, não fossem as entradas que para aí se dirigiram, a fim de suprir de escravos os mercados do norte. Mas, esse movimento civilizador se desenvolveu num plano completamente independente do problema dos limites que, no ponto de vista histórico, era básico para o Rio Grande do Sul.

Até o primeiro quartel do século XVIII, todos os movimentos portugueses passaram ao largo, pelo Rio Grande, em demanda das margens orientais do Uruguai, onde ficavam os pontos estratégicos que eram de Montevideú e Colônia do Sacramento.

A alimentação era abundante, pois a fauna e a flora eram dadas, bem como o gado vacum, cujas primeiras levadas foram trazidas para este Estado, em 1634, pelos padres Cristovão de Mendoza e Pedro Romero. Assim, os pequenos grupos se desenvolveram rapidamente, embora prejudicados pelo ambiente de incerteza próprio das populações de fronteira daquele tempo.

Entretanto, cumpre assinalar que as poucas incursões que se fizeram em território riograndense, pelas quais bandeirantes paulistas eram os responsáveis, e que foram mais frequentes de 1636 a 1639, não tinham como objetivo o povoamento.

A primeira expedição enviada pela Corôa Portuguesa, com o fito deliberado de desbravar e povoar o território, foi a de 1725.

Anos depois, a faixa litorânea, desde a altura de Viamão até as margens do Rio Grande de São Pedro, estavam mais ou menos povoadas e apresentavam um índice de prosperidade bastante promissor. Numerosas famílias portuguesas e lagunenses continuaram aumentando o número de almas que, nestes campos, vinham tentar a fortuna. Em 1737, José da Silva Paes, com numeroso contingente, desembarcou à margem direita do canal, consolidando a posse para a Corôa Portuguesa daquele trecho do território. A 19 de fevereiro deste mesmo ano, a Corôa tomava posse oficial do território.

Viu-se, pois, como a História do Rio Grande do Sul não começa, como pensam alguns, no século XVIII, com a penetração lusitana em nosso estado. Já nos primórdios os indígenas, habitantes da região, eram atrasadíssimos, submersos em degradantes vícios, extremamente indolentes. Obedeciam a um «murubixaba» geral a quem estavam subordinados diversos caciques menores. Moravam, com a sua estirpe, em grandes barracões, numa promiscuidade anti-higiênica e antimoral. Os verdadeiros dominadores da plebe eram os pagés.

As bases da cristianização dos indígenas riograndenses foi lançada pelo missionário sul-americano, natural de Assunção, Pe. Roque Gonzales de Santa Cruz S. J.

Só depois de grandes esforços, conseguiu o Pe. Roque Gonzales lançar os fundamentos da primeira redução: São Nicolau, que ficava a 39 quilômetros para o ocidente de São Luiz Gonzaga. Essa primeira vitória foi conseguida em abril de 1626.

O Pe. Roque tentou penetrar na famosa tribo dos Tapes, mas não conseguiu o seu intento. Fundou ainda as reduções de Candelária, Assunção do Ijuí e Caaré.

Morreu mártir em 1628.

Nos anos de 1629 e 1638 chegaram os primeiros reforços de missionários.

Alguns dos padres vindos de Guaira associaram-se a outros europeus e penetraram na serra dos Tapes, fundando novos núcleos: S. Carlos, S. Miguel, S. Tomé, S. José, todos entre Alegrete e Santa Maria.

Galgando a serra, criaram as povoações dos Apóstolos e Santa Teresa, nas imediações de Passo Fundo (mais tarde transferida para a divisa de Palmeira), Cruz Alta e Carazinho. Logo surgiram Sant'Ana, Jesus-Maria, São Cristovão (hoje Cachoeira), Rio Pardo e Santa Cruz.

Os tapes foram dóceis e manifestaram amor aos mestres. Os Jesuitas, aproveitando essas disposições dos índios, ensinaram-lhes a agricultura, fazendo surgir no Rio Grande a cultura do milho, mandioca, trigo e hortaliças. Conseguiram que os índios, segundo seu gosto, construíssem pequenas casinhas. Entretanto, havia o problema das secas e das enchurradas que dificultava a agricultura. Os missionários procuraram, então, dedicar-se à pecuária, introduzindo, em 1634, a criação de gado nas terras gaúchas.

Em 1637 e 1638, os tupis, chefiados sucessivamente, por Antônio Rapozo Tavares, André Fernandes e Fernão Dias Paes agrediram as reduções da bacia do Jacuí e as da serra, matando ou prendendo os índios, impotentes para enfrentarem armas de fogo.

Os invasores incendiavam os povoados, dos quais apenas alguns escaparam graças à providência dos missionários.

Os guaranis, auxiliados pelos índios da banda oriental do Uruguai, lograram deter os paulistas na famosa batalha fluvial Mbororé, em março de 1641.

SETE POVOS

Os indígenas uruguaiois trataram caridosamente os nossos que para lá imigraram durante a invasão. Entretanto estes nunca esqueceram as terras gaúchas e desejavam voltar ao torrão natal. Depois de cinquenta anos de espera e na certeza de não serem mais incomodados pelos bandeirantes, empreenderam a volta. Os de São Borja foram os primeiros a fazê-lo em 1682. Em 1687, os de São Nicolau reconstruíram sua redução e ergueram uma nova igreja. Ainda em 1687, vieram os miguelistas e se estabeleceram no lugar onde se admiram as ruínas do templo de São Miguel.

Novo grupo veio fundar São Luiz Gonzaga.

Em 1698, foi fundado, entre São Luiz e São Miguel, a redução de São Lourenço. Em 1698 foi fundada a de São João Batista pelo padre Antônio Sepe. Finalmente, em 1707, surgiu Santo Ângelo.

Assim se originaram os sete povos das missões, graças ao zelo dos missionários jesuitas que não pouparam esforços para conquistar os índios e cristianizá-los.

Depois de comprovada a necessidade e conveniência de povoar o Rio Grande do Sul, diversas iniciativas foram sendo tomadas pelos colonizadores portugueses neste sentido.

Ao sargento-mór Manoel Gonçalves, foi dada importante missão política e social nos portos do sul do Brasil.

Em 1717, mandou D. João V que o governador de Santos informasse sobre as terras que se estendiam de Santa Catarina até Tramandaí, no Rio Grande do Sul.

Bartolomeu Paes de Abreu ofereceu-se, em 1720, para fazer uma estrada que ligasse o Rio Grande do Sul a S. Paulo, estrada esta, que não chegou a ser construída.

Sem ordem expressa, mas por deliberação própria, resolveu Francisco de Brito Peixoto, em fins de 1725, iniciar o povoamento do Rio Grande do Sul. Escolheu para isto seu genro Magalhães, que, com trinta companheiros, partiu de Laguna para povoar o Rio Grande do Sul, indo estabelecer-se em Viamão. Como este, outros colonizadores vieram estabelecer-se em terras do Rio Grande do Sul. Rodrigues Mendes foi para Belém Velho; Francisco Manoel localizou-se ao sul de Pôrto Alegre; Francisco Peixoto, Agusti-

nho Guterres e Abreu dos Santos foram para os campos de Viamão; Xavier de Azambuja fundou uma estância à margem esquerda do Gravataí; Pinto Bandeira entre o Gravataí e o Itapuí; Inácio Francisco no morro de Santana. Cosme da Silveira foi outro dos fundadores de Viamão, transferindo-se depois, aos campos de Rio Pardo.

Como havia pouca gente no sul, surgiu a idéia de que a Real Fazenda sustentasse casais colonizadores, pelo menos durante o primeiro ano.

Antônio da Silva Pimentel, governador de São Paulo, devido às ameaças dos castelhanos viu a necessidade de fortificar o pôrto do Rio Grande para proteger as minas de Cuiabá e Goiás e também a capitania de São Paulo.

Em 1735, José da Silva Paes, governador do Rio de Janeiro, apresentou um projeto para povoar o Rio Grande do São Pedro.

O conselho Ultramarino referiu-se a urgência da construção de meios de defesa, mandando para este fim um engenheiro, e à necessidade de ser feito o povoamento das ilhas por casais.

Depois, o govêrno português deu instruções a Gomes Freire para iniciar o povoamento oficial do Rio Grande de São Pedro. Eram os seguintes os itens que constavam das instruções: 1 — Defesa da Colônia do Sacramento. 2 — Expulsão dos Castelhanos das ilhas de São Gabriel. 3 — Ocupação e fortificação de Montevidéu. 4 — Exame da posição de Maldonado. 5 — Ocupação e fortificação do pôrto do Rio Grande de São Pedro por fôrças às quais estava confiada a missão de, após a ocupação do rio da Prata, fundar o primeiro estabelecimento oficial no território rio-grandense, garantindo sua posse para Portugal.

Já haviam sido concedidas sesmárias em 1732 e 33, nos campos de Tramandaí, na passagem das contas, ao Capitão Manoel Gonçalves Ribeiro e a Francisco Xavier Ribeiro.

Em 1735, Francisco de Brito Peixoto pediu terras, que lhe foram negadas. Em 1736 Cristovão Pereira veio ocupar oficialmente o pôrto de São Pedro.

Quando Silva Paes aqui aportou, a região já estava ocupada militarmente. Além das tropas, desembarcou outras pessoas e alguns escravos; Silva Paes conservou as guardas estabelecidas por Cristovão Pereira e criou outras.

Quando foi ocupado militarmente o território do Rio Grande do Sul, já havia sido por particulares.

A independência do Brasil ajudou a colonização do nosso Estado, possibilitando a vinda de outros imigrantes europeus, além dos portugueses. Vieram os alemães e os austríacos, que fundaram a colônia de São Leopoldo com 122 pessoas mas, como em todos os outros casos, não recebiam nenhum auxílio do governo.

Novas levas de imigrantes germânicos vieram e fundaram em 1826, as colônias de D. Pedro de Alcântara, em Torres, onde se localizaram os católicos; Três Forquilhas e Osório, para a qual se dirigiram os protestantes. Em 1846, foi iniciada a colônia Feliz. Em 1848, São Leopoldo conseguiu sua emancipação político-administrativa. Foi organizada ainda a colônia de Mundo Novo. Essas foram colônias iniciadas com elementos irlandeses, que logo as abandonaram. A colônia de Santa Cruz foi fundada em 1849, no Rincão Del Rei, em Rio Pardo. Com elementos brasileiros e alemães fundaram-se Santana do Rio dos Sinos, em Caí, Santo Inácio, em Lajeado e Arroio do Meio, no local do mesmo nome. Novas colônias foram criadas por elementos brasileiros e alemães. Com elementos franceses, foi organizada a colônia Dom Feliciano. Santa Cruz do Sul foi organizada por elementos austro-alemães.

As grandes vias de penetração para os colonos foram, além do estuário Guaíba, os rios Jacuí, Pardo, Taquari, Caí, Sinos e Gravataí, e a partir de 1874, a estrada de ferro do Rio Grande.

Em 1873, vieram novos imigrantes: suíços, belgas e suecos. A seguir, começou a imigração italiana.

Em 1874, nasceu a colônia Conde D'Eu e em 1875, a colônia princesa Izabel. A colônia Duque de Caxias foi fundada pelo governo geral. Os alemães fundaram Mariante e Cêrro Largo e os italianos Silveira Martins e Canabarro. Alto Uruguai foi organizada por brasileiros.

Com os elementos já aqui existentes e com os colonizadores que iam chegando surgiram mais as colônias de: Benfica, Piedade, Triunfo, Roca Sales, Municipal, Nova Santa Cruz, Alfredo Chaves, Entrepelado, Agudo, Fazenda Souza, Vitamina, São Marcos, Afonso Pena, Acioli, Sinimbú, Cêrro Branco e Rio da Ilha.

Em 1888 vieram poloneses e, mais tarde, russos. Esses e os outros imigrantes lutaram muito no sul, sempre fundando colônias e impulsionando o Rio Grande. Apareceram então: Maria Pimentel, Rolante, Vila Nova, Barão do Triunfo, São Vicente, Jaguarí, Saldanha Marinho, São Xavier, Ijuí, Sanga Funda, Ernesto Alves, São Feliciano, Marquês do Herval, Santo Inácio, Santa Clara, Arroio do Meio, Santana do Rio dos Sinos, Três Forquilhas, Mundo Novo, Encantado, Guaporé, Sertão de Santana, Vilanova e Inácio Alves.

As colônias de Xingú e Alto Jacuí foram organizadas por iniciativa de particulares. De 1901 aos nossos dias fundaram-se Cacique Doleli, Araçá, Cerro Azul, Sananduva, São Luiz, Seção da Colônia Maciel, Itapuca, Municipal, Filipson, Gerisa, S. Ricardo, Santa Auta, Santa Bárbara, Deodrópolis, Herval e Souzas, Erechim, Boa Esperança, Coronel Selbach, Forqueta, Campinas, São Braz, Anta Gorda, Sete de Setembro, São Francisco, Boa Vista e Santa Rosa.

Em 1915, a população estadual era de 500.000 habitantes.

Por iniciativa particular, surgiram também: Medorema, Tesouras, Bonito, São João, Bandeirinha, Sarandi e Vinte de Setembro.

Hoje, não há mais imigração de colonos para o Rio Grande do Sul. Portanto, a base étnica do Rio Grande do Sul foram portugueses, alemães, italianos, austríacos, irlandeses, franceses, suíços, suecos, belgas e poloneses. A estes imigrantes juntaram-se os brasileiros vindos de São Paulo e Santa Catarina. Da fusão desses elementos originou-se a população do Rio Grande do Sul.

EXORTAÇÃO

Cassiano Ricardo

Ó louro imigrante que trazes
a enxada ao ombro
e, na roupa em remendos
azuis e amarelos
o mapa de tôdas as pátrias!

Sobe comigo a êste píncaro
e olha a manhã brasileira
que vem despontando por trás da serra
como um punhado de cores jogado
da terra!

COLÉGIOS E UNIVERSIDADES

...e os homens filhos do sol (os índios)
homens filhos do luar (os lusos)
homens filhos da noite (os pretos)
aqui vieram sofrer, aqui vieram sonhar.

Naquele palmar tristonho,
que vês muito ao longe, os primeiros
profetas
da liberdade, vestidos de negro,
anteciparam o meu sonho!

Naquele rio encantado
Mora uma linda mulher de cabelos verdes
e boca de amora.

Naquele mato distante nasceu «Iracema,
a virgem dos lábios de mel».

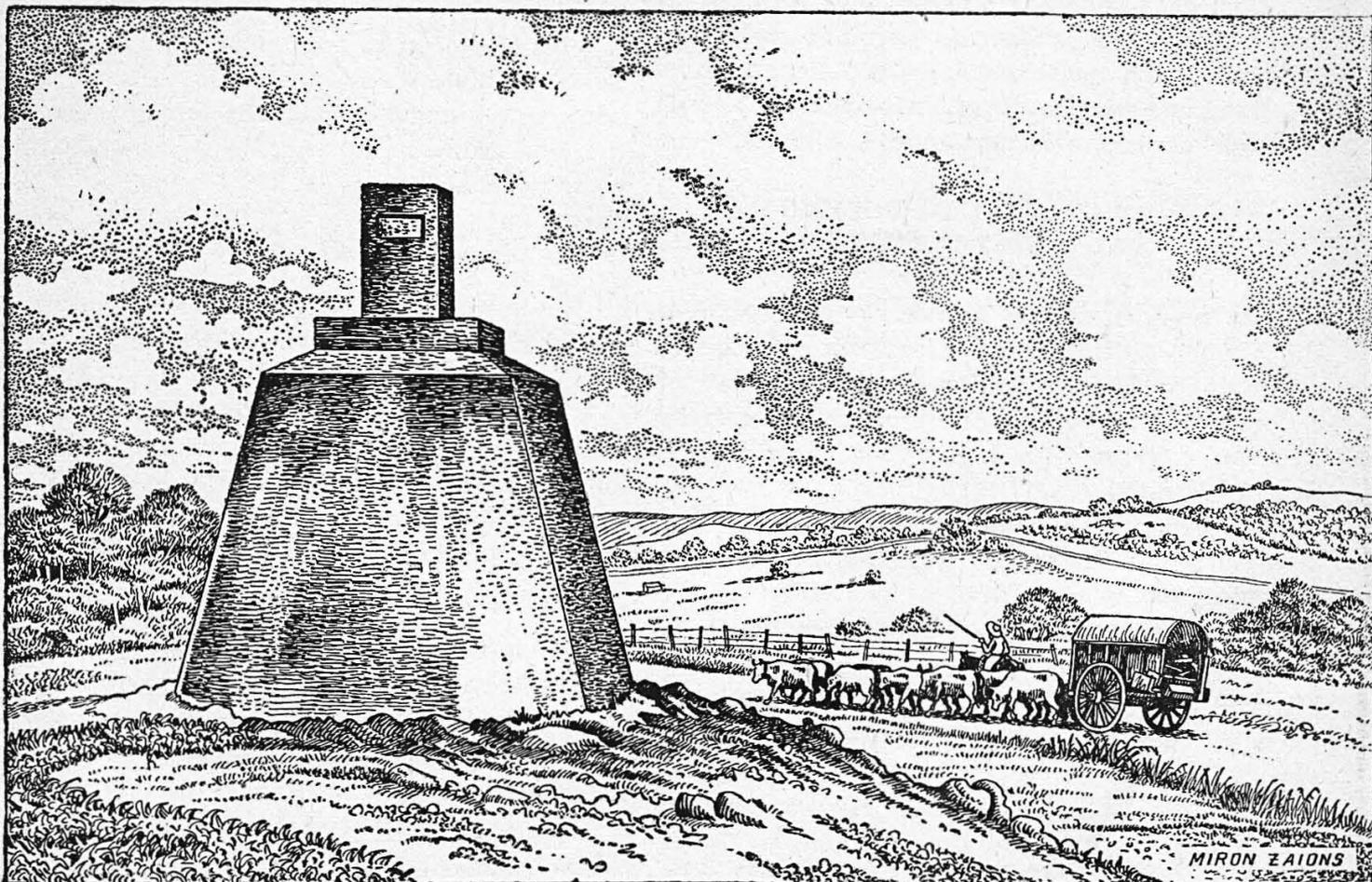
Lá longe ao fulgor do trópico,
O cearense indomável
segura o sol pelas crinas
no chão revel.

Lá embaixo o gaúcho
de lança em riste,
assombra a planície escampa
montando no seu corcel:
sim, o gaúcho que viu, ao nascer, a ban-
deira da pátria estendida no pampa...

Pois bem! ó imigrante louro
O meu país é todo um rútilo tesouro
nas tuas mãos; toma a enxada
e vai plantar a semente de ouro
na terra de esmeralda.

E terás, sôbre o solo bravo, aberto em
flôr,
a sensação de um descobridor.

(Extraído de «Borrões de Verde e Amarelo»)



III — FRONTEIRAS

O estabelecimento dos limites do nosso Estado só foi feito após uma série de disputas e tratados.

O último tratado que determinou, nossas fronteiras com o Uruguai foi o de 1851. Por esse tratado, o limite com o Uruguai é marcado pelo Arroio Chuí, Lagoa Mirim, Rio Jaguarão e Rio Quaraí em toda a sua extensão, isto é, até a sua foz no rio Uruguai.

Em 1909, essa demarcação sofreu pequena modificação, quando o Barão do Rio Branco, José Maria da Silva Paranhos, tornou-se Ministro do Exterior; estabeleceu ele o limite pela parte central da lagoa, até a foz do Jaguarão, entre o Brasil e do Uruguai as margens da Lagoa Mirim, até então, nos pertenciam exclusivamente.

Com a Argentina, o limite foi estabelecido por arbitramento em 1889. Essa demarcação nos foi favorável graças ainda ao Barão do Rio Branco e ao arbítrio do Presidente dos Estados Unidos, Clover Cleveland.

Começa a nossa fronteira com a Argentina na foz do Rio Quaraí, seguindo pelo Rio Uruguai, até a confluência do Rio Peperiguaçu.

Ao norte não houve questão, visto o Estado obedecer ao limite natural que é o rio Pelotas.

IV — ORGANIZAÇÃO POLITICA ADMINISTRATIVA

Da organização do Estado — O Estado do Rio Grande do Sul, parte integrante e autônoma dos Estados Unidos do Brasil, organiza-se sob a forma republicana representativa, com todos os poderes que não lhe sejam vedados pela Constituição Federal.

Do poder legislativo — A assembléa exerce o poder legislativo, com representação de eleitos pelo povo.

Da Comissão representativa — A Comissão efetuará sessões diárias, com 12 representantes efetivos (no mínimo 7) para debater os assuntos apresentados em relatório, ao iniciar a sessão.

Das leis — Projeto de leis somente compete a membro ou comissão da Assembléa ao Governador, às câmaras municipais e ao eleitorado em subscrição de no mínimo 5.000 eleitores.

Do orçamento — O orçamento é uno. Os tributos, as rendas, os suprimentos, são incorporados na receita. Na despesa figuram o custeio dos serviços públicos.

O Poder Executivo — E' exercido pelo Governador do Estado, que em caso de impedimento será substituído pelo Presidente da Assembléa Legislativa, com atribuições expressas em lei.

Dos Secretários de Estado — Na administração dos negócios públicos será o Governador auxiliado pelos Secretários de Estado.

Do Poder Judiciário — São órgãos da justiça: O Tribunal de Justiça, a Côrte de Apelação da Justiça Militar, os Juizes de Direito, os Tribunais do Juri, os Conselhos da Justiça Militar e os Juizes Distritais.

Tribunal de Contas — O Tribunal de Contas, com sede na Capital do Estado, fiscaliza a administração financeira.

Do Ministério Público — O Ministério Público é o órgão que defende a lei e fiscaliza a sua execução, os interesses da justiça pública e dos ausentes incapazes. O chefe do Ministério público é o Procurador Geral do Estado.

Da organização municipal — O território do Estado é dividido em municípios e estes em distritos e sub-distritos, por leis quinquenais.

Das Câmaras Municipais — Compõem-se de vereadores eleitos de 4 em 4 anos, simultaneamente com o Prefeito e Vice-Prefeito, pelo sufrágio universal e direto dos eleitores do município.

Dos prefeitos — O prefeito é eleito de 4 em 4 anos, pelo sufrágio universal.

Das leis e dos atos municipais. A iniciativa compete ao Prefeito, vereador ou ao eleitorado do município, nos termos que a lei orgânica estabelece.

Dos direitos e das garantias individuais. Todos são iguais perante a lei.

Da ordem econômica e social — O trabalho é obrigação social.

Política sanitária — As organizações particulares e as escolas são submetidas ao plano de defesa sanitária.

Da família — A família é constituída pelo casamento de vínculo indissolúvel e terá a proteção do Estado.

Da educação e da cultura — A educação dada no lar se completa na escola, ministrada pelos poderes públicos ou de iniciativa particular, e é submetida às leis disciplinares.

Dos servidores públicos — Os cargos e funções públicas são acessíveis a todos os brasileiros.

Da Brigada Militar — A Brigada Militar é instituída para segurança interna e manutenção da ordem, é força auxiliar nos termos da Constituição Federal.

Da Polícia Civil — É função da Polícia Civil garantir a segurança pública e individual e colaborar com a justiça.

Disposições Gerais — O Estado terá como insígnia oficial o pavilhão tricolor da República do Piratini e adotará igualmente o Hino Farrou-pilha. A cidade de Porto Alegre é a capital do Estado e nela o governo tem sua sede.

A constituição vigente é datada de 8 de julho de 1947, no 125º ano da Independência e no 58.º da República.

CARACTERÍSTICAS GEOGRÁFICAS

1 — **Situação** — O Rio Grande do Sul é um estado marítimo, situado no extremo sul do Brasil.

2 — **Limites** — Limita-se ao norte com a República Argentina e o Estado de Santa Catarina; a leste com o Oceano Atlântico; ao Sul, a República do Uruguai; e a oeste com a República Argentina.

3 — **Superfície** — Segundo cálculo da Seção de Geografia da DTC, em cooperação com o Diretório Regional de Geografia, órgão local do IBGE, a área do Rio Grande do Sul é de 281.706 km², sendo a área propriamente dita 268.706 km², a superfície lagunar de 12.991 km².

4 — **População** — Pelo recenseamento do IBGE de 1950 a população do RGS é de 4.645.290 habitantes, tendo aproximadamente 12 habitantes por km².

5 — **Litoral** — O litoral riograndense do sul é muito extenso (730 km). Na zona norte, eleva-se e é movimentado. Forma duas alongadas restingas: a do Estreito Pernambuco e a do Albardão. Regularmente recortado, sobretudo dentro da lagoa dos Patos, apresenta muitas ilhas lacustres merecendo citação: as de Barba Negra e Canguçu, na lagoa dos Patos, e a dos Latinos, na lagoa Mirim.

6 — **Lagoas** — As lagoas são freqüentes no litoral, destacando-se as dos: Patos, Mirim e Mangueira. As duas primeiras se comunicam pelo canal de São Gonçalo e a dos Patos se comunica com o oceano pelo canal de Rio Grande do Sul. A lagoa dos Patos é a maior do Brasil. Outras lagoas: Itapeva, Quadros e Rincão das Eguas. A superfície lagunar é de 12.991 km².

7 — **Rios** — I) Pertencentes à bacia do rio da Prata, citam-se: a) o rio Uruguai que nasce com o nome de Rio Pelotas e separa o Rio Grande do Sul de Santa Catarina e da Argentina. Seus principais afluentes, pela margem esquerda, são os rios Passo Fundo, Várzea e Ijuí-Guaçú. O mais importante de seus afluentes é o Ibicuí-Grande. Na divisa com o Uruguai, o rio Quaraí. b) O Rio Negro, que logo penetra no Uruguai, tendo curso curto no Rio Grande. Como afluente tem pela margem direita, o arroio São Luiz.

II) Pertencentes às bacias orientais e desaguardando diretamente no Atlântico enumeram-se: o Mampituba no limite com Santa Catarina e os Arroios Chuí e São Miguel. Desaguando na Lagoa dos Patos, têm-se: o Gravataí, o Sinos e Jacuí com seus afluentes: Taquari, Sinos e Vaccacai, e o Camaquã. No canal de São Gonçalo desaguam: O Jaguarão e seus afluentes: Jaguarão, Chico e Mina.

8 — **Clima** — O clima do Rio Grande do Sul classificado como sub-tropical. As chuvas são abundantes e distribuídas por todo o ano com certa regularidade, atingindo o máximo no inverno. Em todo o Estado, os invernos são frescos e, no planalto, mesmo os verões são amenos, acentuando-se as diferenças de temperatura entre as duas estações a medida que se caminha para o sul. Nos vales é comum a ocorrência das geadas e nas partes mais elevadas do planalto já se têm registrado quedas de neve.

9 — **Relêvo** — Em geral o relêvo riograndense é representado por grandes planuras que cobrem o sul e o oeste do Estado: as conhecidas coxilhas gaúchas. No nordeste, entretanto, aparecem elevações importantes, pertencentes à Serra Geral.

10 — **Vegetação** — Grosso modo, as terras planas são revestidas por campos, ao passo que as matas ocorrem nas encostas dos vales e nas áreas acidentadas do planalto.

FORMAÇÃO GEOMORFOLÓGICA

O relêvo do nosso estado foi resultado do dobramento imenso e fratura da crosta primitiva, onde a elasticidade das rochas que constituem as áreas do arqueano oferecem grande resistência.

A parte do território sul-riograndense situado ao sudoeste e sudeste, abrangendo terrenos dos municípios de Pôrto Alegre, Viamão, Gravataí, Guaíba, Camaquã, Encruzilhada, Pelotas, Canguçu, Piratini, São Sepé, Lavras, Dom Pedrito, São Gabriel, Herval, Jaguarão, apresenta no subsolo as rochas mais antigas que se conhecem: granito, sienito, gnais, micaxisto, tôdas da era arqueozóica.

1.º — Esta região, em que se observam as rochas cristalinas da crosta primitiva, foi estudada pelo geólogo brasileiro D. Paulino F. de Carvalho, que denominou «escudo riograndense». Atualmente, os trabalhos de pesquisas científicas, realizadas pelo serviço geográfico da república, permitem dar a conhecer a importância econômica dessa região, onde se encontram as riquezas minerais do nosso estado. Sobre as rochas do sistema arqueano estão depositados terrenos mais novos, como os caracterizados na Estação Ibaré, nas cabeceiras do rio Vacacaí e na serra dos Porongos, onde foi reconhecida a existência de filitos, xistos, quartzitos e calcários. Na parte limitada pelos rios Camaquã do Hilário e Camaquã Grande, foram estudadas diversas rochas sedimentares, como o arenito, contendo mica, o folheto argiloso, o arenito ferruginoso, o conglomerato, contendo seixos de diversos tamanhos. Há existência de folhetos argilosos e arenitos brancos nas proximidades de Bagé.

2.º — Encontram-se ainda formações das eras paleozóica e mezozóica, perfeitamente delimitadas e separadas do sistema anterior, nos territórios de: Gravataí, Canoas, Guaíba, São Jerônimo, Santo Amaro, Triunfo, São Leopoldo, Santa Cruz, Cachoeira, São Pedro, Rosário, Livramento, Dom Pedrito e Bagé.

3.º — O norte do Estado do Rio Grande do Sul é formado por um sistema de «cuesta» baseada de arenitos sedimentados do continente gondvanico e recobertos, no período terciário da era mesozoica, por um derrame de lavas basálticas. O front da cuesta, está voltado para o oceano atlântico, o «dip» vai desde o front atlân-

tico até o talveg do Rio Uruguai, a encosta lateral faz face à depressão transversal.

4.º — A flora, a fauna e os fósseis conhecidos levam os geólogos à afirmação de que o Rio Grande do Sul pertenceu ao continente Austral na era primária e, posteriormente, ao Continente Afro-Brasileiro na era secundária.

VII ECONOMIA

A amenidade do clima, o solo fértil, as ricas pastagens, a exuberante vegetação, fazem do Rio Grande do Sul um dos estados do Brasil, mais promissores sob o ponto de vista econômico. Grande tem sido o progresso atingido pelo nosso Estado, nestes últimos tempos. A pecuária é a sua principal atividade econômica, graças ao relêvo suave, servido por aguada abundante e recoberto por ricas e variadas pastagens nativas, verdadeiros campos naturais de criação. Já alcançou progresso considerável entre nós, utilizando-se na sua prática, métodos modernos, bem como o selecionamento de raças.

Municípios onde a pecuária se encontra mais desenvolvida:

Alegrete, Bagé, Bom Jesus, Cacequi, Canela, Canguçu, Carazinho, Cruz Alta, Rosário do Sul, Santiago, São Francisco de Assis, Tapes, Uruguaiana, Taquari, Sarandi, São Francisco de Paula, Guaporé, Rio Pardo, D. Pedrito, Encruzilhada, Gen. Vargas, Guaíba, Herval, Itaqui, Jaguarão, Júlio de Castilhos, Santa Vitória do Palmar, Santo Angelo, São Lourenço do Sul, Tupanciretã, Triunfo, Soledade, São Sepé, Ijuí, Lavras do Sul, Livramento, Palmeira das Missões, Passo Fundo, Pelotas, Pinheiro Machado, Piratini, Quaraí, Santa Maria, São Borja, São Luiz Gonzaga, Veranópolis, Três Passos, Sobradinho, São Gabriel, Santa Rosa, Nova Prata.

Os últimos municípios dedicam-se especialmente à suinocultura; em muitos deles encontram-se frigoríficos, tais como: Rio Grande, Rosário do Sul, Santana do Livramento, Tupanciretã e outros.

Os principais frigoríficos são: Swift do Brasil S. A., Armour, Anglo e Frigoríficos Nacionais Sul Brasileiros. Há também inúmeras charqueadas disseminadas em vários municípios do Estado.

b) AVICULTURA E APICULTURA

A avicultura é muito desenvolvida, principalmente nas regiões de colônia onde predomina a criação de galinhas. Também a apicultura tem progredido muito nas zonas coloniais.

AGRICULTURA — Depois da pecuária a agricultura é a mais importante atividade econômica do estado, graças a variedade do clima e a fertilidade do solo, favoráveis ao crescimento de numerosas culturas. As principais são: milho, trigo, arroz, feijão, mandioca, linho, batata inglesa. Na região do planalto, localiza-se a principal área agrícola do Rio Grande do Sul:

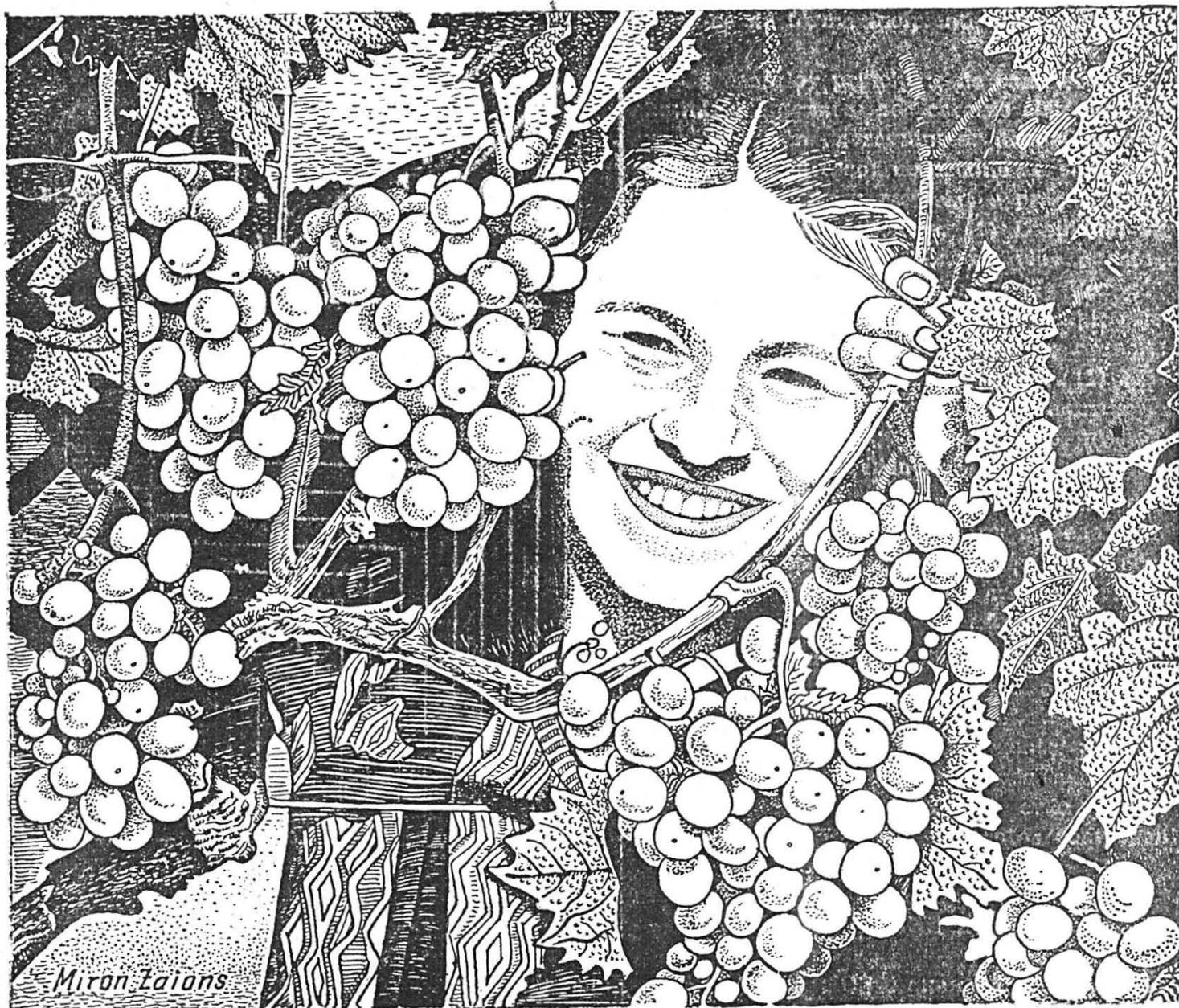
Municípios em que os produtos citados são mais cultivados :

Arroz: Alegrete, Camaquã, São Sepé, Itaquí.

Trigo: Carazinho, Erechim, Passo Fundo, Bagé.

Cereais em geral: Três Passos, São Pedro do Sul, Santa Rosa, Candelária, Cacequi, São Gabriel, Tapes, Quaraí, Cruz Alta, Farroupilha, Rio Pardo, Taquara, São Lourenço do Sul, Antônio Prado, Encantado, Cachoeira do Sul, Guaíba, Encruzilhada, Getúlio Vargas, Soledade, Sarandí, São Leopoldo, Caí, Erechim, Flôres da Cunha e Garibaldi.

Fumo: Candelária, Santa Cruz do Sul, Sobradinho, Venâncio Aires.



Madeira: Veranópolis, Lagoa Vermelha, Carazinho, Getúlio Vargas, Sarandi, Nova Prata, Canela, São Francisco de Paula, Passo Fundo, Erechim.

Produtos que se destacam em outros municípios: em São Jerônimo, carvão, em São José do Norte, cebola, em Venâncio Aires, erva mate, em Caxias do Sul, Farroupilha, Bento Gonçalves, Veranópolis e Garibaldi, o vinho.

O Estado possui muitas áreas industriais sendo afamadas as localizadas nas principais zonas de colonização italiana e alemã. Eis as indústrias que se destacam nas maiores cidades do Estado: em Pôrto Alegre, tecidos, tintas, laticínios e fumo; em Caxias, metalurgia, vinhos e lãs; em Uruguaiana, couros e lãs; em Pelotas e Rio Grande, laticínios, doces e conservas.

A indústria sulriograndense tem aumentado consideravelmente. O Estado possui várias usinas, sendo algumas municipais e outras particulares. Dispõe também de grande número de fábricas e oficinas de confecções, reparações e conservação. Ainda nos dá uma perspectiva de magníficas indústrias.

O comércio tem apresentado um crescimento considerável.

O transporte no nosso Estado é feito por modernos meios: aéreos, marítimos, fluvial e terrestre. O D.A.E.R. ultimamente tem construído novas estradas, como a Estrada Federal, ligando Pôrto Alegre a Uruguaiana, Pôrto Alegre a Caxias. Está em vias de construção a moderna e monumental ponte que fará a travessia seca do rio Guaíba.

VIII ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS DA CIDADE DA CAPITAL DO ESTADO

Pôrto Alegre - Evolução social: Pôrto Alegre nasceu e cresceu com o Rio Grande do Sul. Sua existência histórica está intimamente vinculada às vicissitudes da conquista e da ocupação do Rio Grande do Sul.

Ao iniciar-se o século XVIII, já estava povoado o Destêro (atual Florianópolis bem como fundada, por paulistas intrépidos, a famosa freguesia da Laguna, e estabelecida, à foz do Prata, a Colonia do Sacramento. Entretanto o Rio Grande do Sul permanecia aberto apenas aos Jesuítas dos Sete Povos e a seus índios aldeados.

Entre Laguna e a Colonia, extenso litoral arenoso e baixo, sem angras nem ancoradouros, repelia os conquistadores portugueses. Mas, os lagunistas começaram a incursionar para o sul, na região chamada «Continente do Rio Grande», estabelecendo caminhos de tropas e currais. De 1732 em diante, pode-se dizer que essa ocupação começa a revelar-se definitiva. Os campos do litoral presenciavam, não só o trânsito acelerado de tropas de gado, mas a instalação deliberada de muitas famílias com o seu gado e seus pertences. Essa região logo se tornou sesmeira, através de doações reais.

Entre as primeiras estâncias fundadas no «Continente», figura a de Jerônimo Dornelles Menezes, que em 5 de novembro de 1840, já recebia carta de sesmaria, concedendo-lhe «três léguas de terra de comprido e uma de largura», desde o morro de Santana até as praias do Rio Guaíba e o Rio Gravataí.

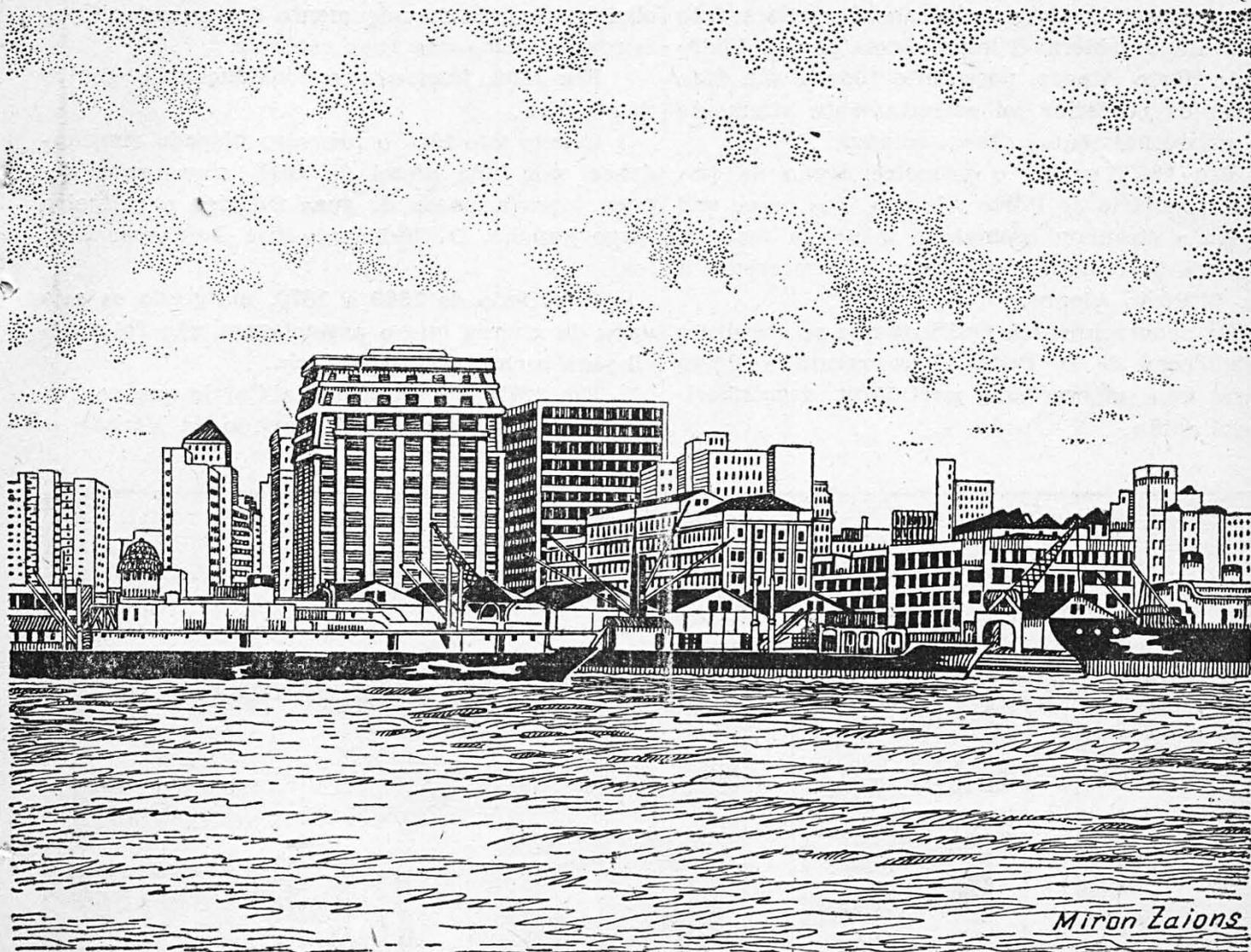
Embora se fixasse bem longe de Guaíba, não tardou que vários moradores de seus campos e ainda outros recém chegados fossem se localizar junto ao belo estuário. Em 1747, esse minúsculo arraial já edificava sua ermida.

Mas somente em 1772, pelas determinações do Govêrno José Marcelino de Figueiredo a nova aldeia adquiriu as condições necessárias para um progresso regular. Desapropriaram-se, nesse ano, as sesmarias e distribuíram-se as datas de terra entre os colonos vindos de Ilhéus. Lançou-se a pedra fundamental de uma Igreja que seria mais tarde a velha Catedral da Praça da Matriz, e, no ano seguinte, mudou-se seu nome de São Francisco Xavier para Nossa Senhora Madre de Deus. Surgiu, em 1773, o nome de Pôrto Alegre, e daí o nome da freguesia: Nossa Senhora da Madre de Deus de Pôrto Alegre.

A povoação crescia rapidamente e José Marcelino, vendo-lhe o futuro promissor, mudou para aí a sede do seu govêrno.

Nesse tempo, por ordem do governador, instalou-se, em Pôrto Alegre, a primeira olaria de telhas. Até então, tôda as casas eram cobertas de palha, menos a casa do govêrno, para a cobertura da qual foram trazidas telhas de Laguna.

A produção do cereal-rei (trigo) atingiu tal nível em certos anos, que a Câmara houve por bem determinar a baixa do pão.



Em 1780, ao assumir o governo, o Coronel Sebastião Xavier Veiga Cabral relatava: a freguesia de Pôrto Alegre consta de mais de mil e quinhentas pessoas e no seu distrito semearam-se êsse ano quatrocentos e setenta alqueires de trigo.

A paz reinava no Rio Grande e os administradores puderam, assim voltar as vistas para os problemas da administração.

No começo do século XIX, a minúscula vila de ranchos, que surgira na extremidade da graciosa península, progetara-se mais para o interior, estendendo ruas ladeirantas e tortuosas. Na atual rua Uruguai, ergueu-se um teatro, para o qual os espectadores deviam conduzir as próprias cadeiras nos dias de espetáculo.

Em 1820, o botânico e viajante francês, Saint-Hilaire chegou a Pôrto Alegre, encontrando uma vila bem desenvolvida e movimentada,

com muitas construções de dois andares. Pôde assim escrever: «a rua da Praia, que é a única comercial, é extremamente movimentada, por numerosas pessoas a pé e a cavalo, é dotada de lojas, vendas bem sortidas e de oficinas de diversas profissões».

«Fora da cidade, sôbre um dos pontos mais altos da colina, iniciou-se a construção de um hospital de proporções tamanhas que talvez não seja terminado tão cedo».

E' de acreditar que tal hospital seja a Santa Casa de Misericórdia, hoje quase no coração da cidade.

Em 14 de novembro de 1822, por decreto de D. Pedro I, Pôrto Alegre foi elevada à categoria de cidade «com todos os foros e prerrogativas das outras cidades do Império».

Em meados de 1824, chegaram à nova cidade os primeiros imigrantes alemães. Este fato apresenta considerável importância para a história de Pôrto Alegre, porquanto tóda a sua vida econômica posterior foi estreitamente vinculada aos empreendimentos desses colonos.

Em 1827, surgiu o primeiro órgão da imprensa: «Diário de Pôrto Alegre», que nesse ano começa a circular; assinala o início da fecunda atividade jornalística que sempre caracterizou a vida de Pôrto Alegre.

Os acontecimentos políticos que se seguiram à abdicação de D. Pedro I trouxeram a Pôrto Alegre uma efervescência partidária, desconhecida até então.

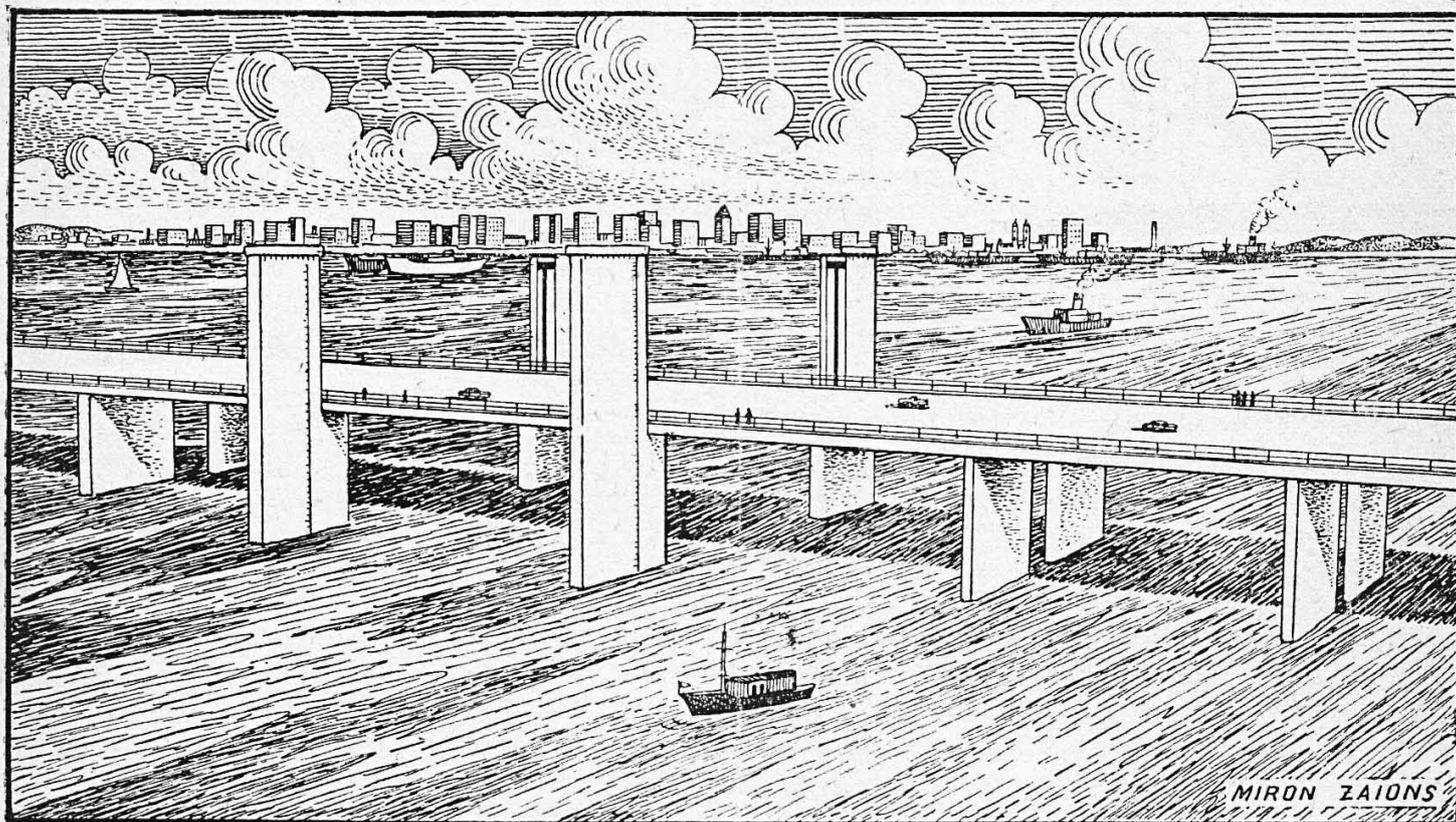
Em 1848, a Câmara Municipal estabeleceu obrigatoriedade do calçamento dos passeios fronteiros às casas das ruas centrais.

Em 1850, iniciou-se a construção do Teatro São Pedro.

Criado que fôra o primeiro bispado riograndense, por bula papal de 1848, cinco anos depois, tomava posse de suas funções o primeiro bispo gaúcho, D. Feliciano José Rodrigues Prates.

O período de 1860 a 1870, malgrado os seis anos de guerra que o assinalaram não foi estéril para a capital da Província.

Em 1872, é a Companhia Carris que se instala em seu casarão acachapado da Várzea, co-



Durante a revolução Farroupilha, que abalou a política do Rio Grande do Sul durante um decênio (1835-1845), Pôrto Alegre sofreu consideravelmente em seu movimento comercial e em seu progresso social.

A cidade que herdou dos amargos dias da revolução o título «mui leal e valerosa», conferida por lei imperial em 1841, concluída a paz, ingressou num período de ascensão e prosperidade, acompanhando o paralelo de reerguimento da Província. Conheceu, então, dias de paz social e tranquilidade.

meçando a estender linha para todos os bairros.

Em 1874, inaugurou-se o edificio da Câmara Municipal e o Tribunal de Juri, na praça da Matriz. Também em 1874, os portoalegrenses puderam viajar de trem pela primeira vez. Em 1884, instalou-se a Companhia Telefônica, iniciando os respectivos serviços.

Ao proclamar-se a república, a cidade de Pôrto Alegre adquire um notável incremento comercial e industrial. Com o golpe de 15 de novembro de 1889, subiu ao governo o General Câmara, Visconde de Pelotas, que escolheu, para

seu secretariado o escol dos republicanos rio-grandenses (Júlio de Castilhos, Ramiro Barcelos, Antão de Faria e Barros Cassal).

Em 1895, apareceu o maior órgão da imprensa gaúcha: «Correio do Povo», sob a direção de Caldas Junior. No ano seguinte, fundou-se a Escola de Engenharia que foi o primeiro instituto de ensino superior no Rio Grande do Sul. Sem demora, surgiram, ainda, enriquecendo o patrimônio cultural, as instituições de ensino superior, que hoje tanto orgulham o Rio Grande do Sul e o Brasil.

trovas, festas tradicionais, danças e cantigas regionais. Talvez esse amor à tradição tenha elaborado o vasto folclore gaúcho.

A simplicidade e o desassombro de seu caráter não permitem o temor de parecer ridículo ou passadista em suas vestes características e costumes rústicos.

Ele se exhibe mesmo perante uma elite, com orgulho e espontaneidade, vestido com suas amplas e enfeitadas bombachas, o lenço, o poncho, o chapéu de abas largas, as botas e o inesquecível palheiro. Sempre que solicitado, canta com



IX — GENERALIDADES ÉTNICAS: O GAU'CHO

O gaúcho pode ser considerado como um tipo resultante da fusão do brasileiro com o espanhol, durante a luta contra o domínio castelhano. Esta mescla teve como resultado um povo intrépido, valoroso, leal e hospitaleiro. Estas qualidades caracterizam o habitante da campanha rio-grandense — o gaúcho — que é cômico de tais predicados, o que o incentiva na prática dos seus costumes. Encontramo-lo a cantar suas tradições, de que se orgulha tanto, por meio de suas

prazer as glórias gaúchas, os feitos e vitórias, a coxilha e a sanfona, o pampa e o pingo, a cabocla e o amargo.

Todos esses sentimentos de justo apêgo e amor à terra, insuflaram a gloriosa Revolução Farroupilha, motivo de orgulho para o povo gaúcho que tão bem soube manter seus elevados ideais. Tão considerados foram esses ideais que, mesmo depois de derrotados, após um decênio de lutas, mantiveram gravada, em escudo e bandeira, a recordação desse período difícil e decisivo da história riograndense.

Encontra-se ainda em projeto, na Câmara, o novo modelo da bandeira do Rio Grande do Sul em cujos emblemas bem retrata o ideal de Liberdade, Igualdade e Humanidade, já cantado pelos Farrapos, no Hino de 35, oficializado como Hino Riograndense.

O GAÚCHO E O COLONO

«Desde o guapo Bandeirante,
Descendo da Paulicéia,
Até a rústica epopéia,
Da formação Regional,
O velho Pago natal
Viu moldar-se a sangue e berro
A gritos, a fôgo e a ferro,
O nosso tipo racial.

Nas guerrilhas fronteiriças
Face à face ao inimigo,
Foi na escola do perigo,
Que a guasca se definiu.
Destemeroso e bravio,
Rasgando à ponta de lança,
O palco verde-esperança
Desde o Rio Grande surgiu.

Centauro errante, embrenhado
Num sonho de vastidão,
Chéio de amor pelo Chão
Em que nunca se plantava
E à medida que avançava,
Naquela estranha voragem,
Sentia a atração selvagem,
Que o Rio da Prata emanava,

E ao longo do território
Que o gaúcho conquistou,
Veio o colono e ficou

Seus roçados e tapumes.
Copiou dos guascas os costumes,
As lendas e as diversões,
E até mesmo as tradições
Guardadas cheias de ciúmes...

Foi o toque generoso
Dêsse sangue de além-mar
Que veio fortificar,
A raça que então nascia,
Dando à têmpera bravia
Padrão de fôrça e virtude
Nessa fusão semi-rude
Que perpetro nossa cria.

Qual dos dois é mais Rio Grande,
Se o peito dos dois se expande
Numa guasca reverência,
No velho apêgo à Querência,
Desassombrado e sem par,
Pronto sempre a preservar
A nossa sobrevivência !

Vejo um riscando a fôgo
Nossas fronteiras de guerra :
Outro cultivando a terra
Na cadência dos arados
E depois, entrelaçados,
O cabo da Enxada e a Lança,
Glorificando a pujança
Dos nossos antepassados.

Mas se o Guasca evoluiu
Para chegar ao atual,
A velha essência imortal
Pelas épocas perpassa,
E o Rio Grande se entrelaça
Nesses dois tentos torcidos
Que vieram depois de muidos
Formar o sovêu da Raça...»